

Escola Mandala – uma escola com a Certificação ISO 9001

Horácio Cunha Ribeiro e Themis Aline Calcavecchia dos Santos

Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro – Campus Rio

Faetec – Faeterj-Rio

Correspondências sobre este artigo deverão ser enviadas para Themis Aline Calcavecchia dos Santos, FAETERJ-Rio, Rua Clarimundo de Melo, 847, Quintino, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 21311-281, email: themisaline@yahoo.com.br

Resumo

Educar tem sido uma tarefa difícil nos últimos anos. O mundo mudou radicalmente: uma nova configuração de países emergiu, novas forças políticas se estabeleceram, novas demandas sociais afloraram, novas formas de se organizar o trabalho emergiram. Apesar de tantas mudanças a nossa volta, quando olhamos a escola, esta permanece a mesma. Apesar deste contraste, vemos na literatura várias tentativas de se tornar a escola alinhada a seu tempo. Entretanto, a realidade continua sendo dura e as práticas continuam sendo aquelas do século XIX. Em algum ponto, a passagem das concepções contemporâneas às práticas cotidianas é falha. Tentamos importar modelos, mas nossa realidade de alunos, de cultura e de dimensão de país é muito diferente. Temos que buscar alternativas próprias e valorizar a experiência local.

Ao pensar-se o projeto das instalações de um instituto tecnológico, viu-se a oportunidade de se repensar a escola em uma proposta inovadora, divulgando-se a ideia norteadora e estrutural na denominação do projeto, de “Mandala”.

Uma Mandala representa o Universo abrigando de forma simbólica as forças da natureza. A Mandala por despertar um grau maior de consciência e autoconhecimento acaba por levar à transformação, trazendo de volta o conceito de impermanência. O homem que não muda está condenado à involução e à desintegração de sua identidade.

A partir da denominação de um projeto de escola como Projeto Mandala, pesquisou-se o sentido da mandala como rede e os significados dados ao termo “rede” desde o surgimento das redes de computadores.

O círculo da Mandala se completa na ação pedagógica e, principalmente, relacionamento humano, social e ambiental, que nós, da Faculdade de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro – Campus Rio (FAETERJ-Rio) da FAETEC, estamos implantando sob o nome de Escola Mandala.

Entre os resultados obtidos pode-se destacar o Conceito 4 no ENADE, por duas vezes consecutivas, e a obtenção da Certificação da ISO 9001.

Palavras-chave: Gestão Participativa, Escola Mandala, Tecnologia da Informação, Humanismo.

Escola Mandala – uma escola com a Certificação ISO 9001

A Educação tem sido um tema constante na sociedade brasileira. Para além do fato de que somente através da Educação se consegue chegar a uma sociedade mais justa e igualitária, as questões práticas, do cotidiano das salas de aula, tem merecido atenção não apenas por parte dos intelectuais, mas, por parte dos Governos.

É fato, no Brasil, que a qualidade do ensino está muito aquém do desejado e necessário a fim de capacitar os cidadãos para exercerem seu papel dentro da sociedade. Os índices apresentados pelos organismos internacionais que definem os parâmetros de qualidade da Educação de um país, no caso brasileiro, estão muito abaixo do que se espera para um país com uma economia como a do Brasil.

Recente pesquisa realizada pela *Economist Intelligence Unit* (EIU), encomendada pela Pearson, empresa que fabrica sistemas de aprendizado e vende seus produtos a vários países, revelou que o Brasil ficou em 39º, à frente apenas da Indonésia. A pesquisa foi feita com quarenta países que foram divididos em cinco grandes grupos de acordo com os resultados (“Brasil fica em penúltimo,” 2012)¹.

No relatório da UNESCO (2010), 13,8% dos brasileiros abandonam os estudos já no primeiro ano no ensino básico. Neste quesito, o País só fica à frente da Nicarágua (26,2%), na América Latina, e bem acima da média mundial (2,2%). (“Qualidade da Educação,” 2010)².

A Educação é um direito de todos e um dever do Estado, entretanto, está-se longe de cumprir esta determinação constitucional. Este é o maior desafio: oferecer uma educação pública e gratuita de qualidade, que permita o acesso ao mundo do trabalho a todos os brasileiros.

A inclusão dos jovens no mundo do trabalho só é possível dentro de um espectro que privilegie a capacidade crítica e analítica, a fim de atender a uma demanda cada vez maior de um profissional múltiplo e inovativo.

De acordo com Impagliazzo (2009) “No processo educacional, o que se pretende alcançar é que o indivíduo seja capaz de obter conhecimentos, construí-los através de uma atitude reflexiva e questionadora sobre os mesmos. Junto a essas questões relacionadas ao conhecimento, o processo educacional trabalha a dimensão dos

sentimentos, da afetividade e da criatividade. O indivíduo não só aprende com a educação, como também se posiciona frente aos fatos e à realidade que existe dentro e fora dele.” (p. 13).

Diante dessa realidade, o corpo docente da Faeterj-Rio elaborou o Projeto Mandala numa tentativa de procurar desenvolver, dentro de uma escola pública de educação superior, uma educação de qualidade.

O presente trabalho procura mostrar o desenrolar do processo de implantação da Escola Mandala até a Certificação da ISO 9001.

A Escola Mandala

Mandala

Inicialmente, cabe lembrar que Mandala, “em sânscrito, (tib. kyil'khor / dkil'khor, jap. mandara) significa círculo, o centro, o círculo mágico, o mistério. (...) A dissolução de uma mandala serve também como exemplo da impermanência.

Este conceito de impermanência é de fundamental importância no século XXI, pois tudo, hoje, parece impermanente, em movimento, razão da mandala ser representada pelo círculo. Essa sensação de mudança permanente sentimos na avalanche de informações que recebemos sobretudo com o advento da tecnologia da informação - TI.” (Souza & Sá, 2006, p. 13).

Ciberespaço

De acordo com Souza & Sá (op. cit.), “Ciberespaço é um conceito que está longe de ser definido e compreendido em sua plenitude. O que se entende sobre ele é o que se vive nas navegações internauticas, quando se pode acessar, ao mesmo tempo, vários sites e links que possibilitam uma viagem planetária sem sair do lugar. Pode-se navegar por cidades, museus, universidades, bibliotecas, bancos, lojas, comunidades, chats e acessar todo e qualquer tipo de conhecimento e experiência virtual. Apesar da apropriação de palavras da navegação para explorar este novo mundo, virtual - parece ser a palavra mágica como abracadabra para abrir as portas de algum entendimento sobre as sensações nesta exploração.” (p. 16).

Considerando que a Internet, entre todas as redes, é a que possui um uso mais difundido, conseqüentemente, abrangendo a um maior número de pessoas, tanto na esfera individual, quanto nas organizações, pode-se delimitar nela os estudos sobre o modelo conceitual de rede. (Diniz, 2006).

A Construção da Escola Mandala

Para Diniz (op. cit.), “Ao pensar-se o projeto das instalações de um instituto tecnológico, viu-se a oportunidade de se repensar a escola em uma proposta inovadora, divulgando-se a ideia norteadora e estrutural na denominação do projeto, de ‘Mandala’. (...) Isto é, usou-se a ideia de mandala na busca de uma estrutura para apresentar modelos mentais e, não, de busca de uma programação inconsciente para estabelecer-se consenso no direcionamento dos comportamentos. Fortalecendo o aspecto de metáfora, no projeto explica-se a mandala como uma estrutura em rede. No entanto, apesar de ser de uso generalizado, o termo ‘rede’ não tem um só significado e, em seu uso, não corresponde para todos os que recebem a sua emissão, a um único conceito indicador de um conjunto objetivo de referências. À rede, não há uma universalidade na sua imagem. Diferentes objetos podem ser mentalmente evocados quando ao entrar-se em contato com o termo ‘rede’: a teia de aranha, a rede do pescador, as linhas de transmissão das redes de telefonia etc.” (p. 21).

De acordo com Gomez (1997), citada por Diniz (2009), “esses modelos conceituais se contrapõem àquele da sociedade moderna, em voga até a década de 60, na qual, o Estado era o observador privilegiado que realizava diversas formas de sínteses e totalizações intelectuais e discursivas, como oficializando linguagens e formatos padronizados e normas técnicas, que agiam como códigos unificadores, orientando a sociedade. A partir das redes de comunicação eletrônica, os pólos geradores das unidades e das totalidades do conhecimento, da linguagem e da informação foram sendo transferidos para a sociedade, levando à criação dos códigos unificadores da comunicação humana de uma forma difusa, por forças que agem na sociedade a partir dessas redes.” (p. 24).

A importância dessas forças fortaleceu o modelo conceitual estabelecido a partir das redes de comunicação eletrônica o modelo conceitual de rede para o conhecimento, para a linguagem e para a informação, e que passou a ser utilizado intensamente para pensar e explicar inúmeros fenômenos sociais.

Por exemplo, Bochi e Cerruti (1999, p. 162), falando de Edgard Morin e da complexidade do devir humano, usam termos como “rede de sabedorias”, “rede de conhecimentos” e “tecer”. Castells (1999) trata da “sociedade em rede”. Até quando a imagem da rede não é diretamente apresentada pelos teóricos mais recentes, em seus escritos encontram-se referências que remetem às características e às propriedades da rede. Em alguns, a imagem da rede é especial referência, como destaque ou à guisa de conclusão.” (Diniz, op. cit., p. 24).

Para Diniz (op. cit., p. 35) ao se pesquisar os “modelos utilizados nos esquemas mentais para pensar sobre os problemas do mundo e suas soluções, a partir da denominação de um projeto de escola como Projeto-Mandala,” procurou-se “o sentido da mandala como rede e os significados dados ao termo ‘rede’ desde o surgimento das redes de computadores.”

Atualmente, encontrou-se o uso do termo remetendo a um modelo mítico, o da teia da aranha, propagado pelos usuários e pelos estudos da Internet. (...)

A importância do mito da teia da aranha em um projeto-escola na área da Ciência da Computação, é que ele revela a rede Internet como uma heterotopia, pela qual se é excluído do espaço e tempo real, permitindo uma ruptura absoluta com o tempo tradicional, criando um espaço próprio de percepção, em contraponto aos espaços reais públicos e privados.” (p. 36).

Ainda, dentro da construção do referencial teórico para a Escola Mandala, não se pode deixar de lado a questão da identidade. Para Monteiro, (2009)

Identidade é a fonte de significado e experiência de um grupo, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes. Não se deve confundir com papéis, pois estes determinam funções e a identidade organiza significados. (...) No nosso caso específico, devemos empregar uma metodologia para identificar nosso egresso, como detentor dos conhecimentos que venham a torná-lo destaque no mundo do trabalho. Assim, cada tipo de identidade leva a resultados distintos: a identidade legitimadora dá origem a uma sociedade, com organizações e instituições; a de resistência forma comunidades, formas de resistência coletiva a alguma opressão; e as de projeto produzem sujeitos, atingindo seu significado e objetivos pela sua experiência, fica claro que nosso Projeto de Identidade, Mandala, deve procurar romper com as identidades opressoras, que moldam perfis de profissionais da área de informática, com base em suas instituições de origem, tradicionais e consagradas.

A proposta envolve o surgimento da identidade e entidade do ISTCC do Rio de Janeiro, que com um projeto totalmente inovador de formação, trará um novo foco para o nosso aluno. As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Em nosso caso, está inserida no surgimento da sociedade em rede, que reforça novas formas de transformações sociais.” (p. 41 e 42).

Diante de todos os modos de identidade estudados anteriormente, vemos que a lógica dominante na sociedade em rede lança seus próprios desafios, tanto como identidades de resistência quanto como de projetos, e o poder dentro dessa estrutura social está agora difundido na sociedade em rede, mas ele não desaparece, é o caso da introdução na esfera educacional de uma filosofia voltada para uma forte união entre conceito, conteúdos, ensino, prática e projeto, e, principalmente, relacionamento humano, social e ambiental, que nós, do INSTITUTO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO - ISTCC da FAETEC, estamos implantando sob o nome de PROJETO MANDALA. Nossa Mandala surge, aqui, como um ponto de união, não esotérica nem pragmática, sob qualquer ponto de vista, mas como uma visão totalmente nova do “ensinar”, posto que formaremos tecnólogos com alma, e abriremos uma janela de onde se poderá descortinar a união, até então inexistente, entre o técnico e o humanista, dentro de uma sociedade cada vez mais distanciada dos seus valores humanos, justamente, pelo fato de estar em rede.³ (p. 48).

Desta forma, a Escola Mandala traz uma nova perspectiva sobre o que é Educar, assim sendo, destacamos o que diz Freire (2009): “Educar não é homogeneizar, produzir em massa, mas produzir singularidades. Deixar vir à tona a diversidade de modos de ser, de fazer, de construir, permitir a réplica, a contra-palavra. Educar é levar o aluno a ser autor, a dizer a própria palavra, a interagir com a língua, a penetrar numa escrita viva e real. O professor precisa também ser autor, penetrar na corrente da língua, recuperar sua palavra, sua autonomia, sem fazer dela uma tribuna para o poder, mas um meio de exercer uma autoridade que se conquista no conhecimento partilhado. Nesse sentido, o professor pode ser visto como um orquestrador de diferentes vozes.” (p. 55).

Portanto, “acreditando que o educador precisa romper com as concepções mais tradicionais de currículo como um conjunto de conhecimentos ‘a serem ensinados’, para entendê-lo como um conjunto de conhecimentos do qual o aluno deve apropriar-se para o pleno exercício da cidadania, o Corpo Docente do ISTCC-RJ (Instituto Superior de Tecnologia em Ciência da Computação do Rio de Janeiro) tem desenvolvido projetos, atividades interdisciplinares e diversos tipos de práticas pedagógicas dentro e fora da

sala de aula, no sentido de criar um ambiente favorável para a participação ativa dos alunos no processo de construção de identidades e significados. Esse comprometimento de alunos e professores só tem sido possível graças à relação de confiança e afeto estabelecida dentro deste ambiente educacional.” (Freire, op. cit. p. 63).

As células de competência

Tem-se assistido especialistas da área de educação propor a modernização do ensino através de teorias construtivistas, interdisciplinares, transdisciplinares, dialéticas, e outras. Porém, quando suas propostas são implementadas, professores e instituições de ensino limitam-se a introduzir modernas tecnologias de apresentação ou comunicação associada aos trabalhos em grupos. Assim, telões, computadores e software de apoio à apresentação, televisores de tela plana acoplada com câmeras e toda uma parafernália eletrônica são introduzidos na sala de aula. Entretanto, o ensino é feito da mesma forma, apenas com modernização ou substituição do antigo quadro de giz e a troca da aula expositiva do professor pela apresentação de seminários por grupos de alunos. Os hábitos e os problemas continuam os mesmos. O conhecimento continua sendo fragmentado em disciplinas com problemas de continuidade; aulas expositivas com os seus já conhecidos males continuam sendo ministradas tratando os alunos de forma homogênea. O modelo que se perpetua considera o aluno como um banco de dados que precisa ser completado. Entretanto, no modelo de qualificação profissional flexível, o aluno deve ser considerado como uma CPU (unidade central de processamento) capaz de descobrir novas formas de usar e desenvolver o conhecimento.

Alguns exemplos de modelos, como a escola de Sagres, em que grupos de pessoas se reuniam para estudar e discutir problemas inerentes à época, buscaram responder aos desafios do futuro. O sucesso deste modelo é inegável, pois de lá saíram os grandes navegadores, novos métodos foram desenvolvidos. Eram pessoas reunidas em grupos que trocavam informações, raciocinavam em grupo, faziam novas propostas e as testavam. Estavam em constante busca de novas formas.

Com o propósito de contribuir para a elevação profissional no âmbito da formação educacional tivemos por objetivo apresentar uma proposta pedagógica de uma nova prática de ensino baseada em níveis de complexidade de problemas.

Esta prática possui uma estrutura que viabiliza ao aluno o desenvolvimento de competências de forma natural, possibilitando-o atuar como em uma empresa, resolvendo problemas com mecanismos formais de apresentação e solução. Chamamos esta estrutura de célula de desenvolvimento de competência.

Consideramos que a relevância desta proposta se prende não somente a atender aos interesses do mercado de trabalho por um profissional criativo e competente nem as diretrizes do Ministério de Educação e Cultura (MEC), mas, também, sob a ótica do aluno, esta proposta viabiliza a elevação da qualificação da formação pessoal do indivíduo, proporcionando o enfrentamento de ações adversas em um contexto de mudanças constantes, ampliando os seus horizontes e a partir de maior domínio sobre o processo produtivo e sobre o desenvolvimento da consciência individual e coletiva, atender às necessidades humanas de realização e emancipação.

Este modelo está sendo implementado, em forma experimental, fora do curso regular, no curso de Formação de Analistas de Sistemas da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) na Faeterj-Rio, com alunos voluntários. Os instrumentos de controle, avaliação e acompanhamento de ensino estão sendo definidos e elaborados.

A Gestão Participativa

A sociedade informatizada traz em si uma demanda constante de atualização, ao mesmo tempo em que torna volátil tudo aquilo que se mostra como perene. Basta um *click* nos sites de busca e milhões de páginas sobre determinado assunto aparecem. E aí se tem teorias, “achismos” e tudo o mais. Em contrapartida, o acesso fácil à informação conduz a uma permanente reflexão sobre métodos e metodologias, que, mesmo que não existam para serem efêmeros, pois, isto acarretaria uma grande insegurança social, devem ser sempre questionados a fim de serem adequados à realidade à qual devem ser aplicados. Não existe uma fórmula fechada, completa, para se lidar com a cultura do imediatismo, que parece preponderar neste Século XXI.

A Gestão Democrática, hoje, é um mandamento legal e significa a autonomia da escola na sua gestão e a participação nas decisões, tanto da comunidade escolar, como da comunidade onde a escola está inserida. A discussão sobre a autonomia escolar passa por uma autonomia financeira e decisória em termos de currículo e conteúdo

programático, que se dá através da construção coletiva do Projeto Político Pedagógico da escola.

Entretanto, há que se refletir sobre o verdadeiro conteúdo da autonomia e também do conceito de Democracia. Neste sentido, cabe destacar a contribuição que Habermas trouxe, através de sua Teoria da Ação Comunicativa. Segundo o autor, o “mundo da vida é, por assim dizer, o lugar transcendental em que o falante e o ouvinte se encontram; é o lugar em que podem estabelecer reciprocamente a pretensão de que suas emissões concordam com o mundo objetivo, subjetivo e social; e em que podem criticar e exhibir os fundamentos das respectivas pretensões de validade, resolver seus desentendimentos e chegar a um acordo” (Habermas, 1999b, p. 179).

Pode-se estabelecer uma estreita relação entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a educação, como se vê no seguinte texto, citado por Gomes (2009, p. 242 e 243)

Quando os pais querem educar os seus filhos, quando as gerações que vivem hoje querem se apropriar do saber transmitido pelas gerações passadas, quando os indivíduos e os grupos querem cooperar entre si, isto é, viver pacificamente com o mínimo de emprego de força, são obrigados a agir comunicativamente. Existem funções sociais elementares que, para serem preenchidas, implicam necessariamente o agir comunicativo. Em nossos mundos da vida, compartilhados intersubjetivamente e que se sobrepõem uns aos outros, está instalado um amplo pano de fundo consensual, sem o qual a prática cotidiana não poderia funcionar de forma alguma. (HABERMAS, 1993, p. 105).

Entende-se que é neste contexto que se deve compreender a gestão participativa. A atividade fim da escola é educar para a cidadania, para a participação, para uma visão crítica e analítica da sociedade, portanto, quanto maior for a interação de todos os seus componentes com a comunidade que a cerca melhores serão os resultados.

Antes mesmo de cumprir determinação legal de que a Gestão Escolar deve ser democrática, a FAETERJ-Rio, em seu Projeto Escola Mandala, adotou esta prática como um *a priori*. Além dos Conselhos Diretor e Acadêmico, que compõem a estrutura organizacional da FAETERJ-Rio, conforme determinado no Regimento Interno, a comunidade participa e é envolvida nos processos decisórios.

De acordo com Mota⁴ (2006), “educar é criar espaços. Essa afirmação nos remete à visão do educador como um criador de condições para que a educação aconteça de forma plena e significativa. Criar espaços, nesse sentido, não é apenas a atuação do educador na escolha e estruturação do lugar em que o processo educativo vai se desenvolver. Criar espaços é criar acontecimentos. É articular o espaço, tempo, recursos humanos e tecnológicos para produzir momentos que possibilitem ao educando ir, cada vez mais, assumindo-se como sujeito, ou seja, como fonte de iniciativa, responsabilidade e compromisso.” (p. 68).

Atendendo esta concepção assumimos a gestão Mandala, descentralizada, participativa. Uma gestão que sabe ouvir, que sabe decidir de forma colegiada que dá autonomia e que descentraliza as ações. Não podemos mais conceber alunos solitários, escola “silenciosa” e “organizada”. Situado organicamente no mundo, o aluno que busca ser tecnólogo, não pode e não deve ser enquadrado, encaixado no encadeamento do processo social como dente na engrenagem, um elo a mais na concatenação dos acontecimentos. (...) Devemos possibilitar que ele se contextualize, que compreenda e que adquira um nível de distanciamento crítico em relação às determinações de sua circunstância pessoal e social de modo a não ser conduzido por elas como um “cachorro morto na correnteza”. Empreender, ele próprio a construção de seu ser. Este é o momento da afirmação da subjetividade do educando. É aqui que ele troca a condição de ator de um roteiro determinado por vontades alheias à sua vontade, pela condição de autor, em medida progressiva, do seu próprio destino. É por isso que, em nossa visão do processo educativo, o papel do educando é educar-se e do educador é ajudá-lo nesta tarefa. (Mota, op. cit. p. 68 e 69).

Diante disso, tem-se que a gestão participativa é muito mais ampla do que apenas a eleição do diretor da escola e até mesmo a elaboração do seu Projeto Político Pedagógico. A gestão participativa é o dia a dia, a compreensão e valorização da identidade de cada um dentro da escola e a busca incessante pelo crescimento e emancipação do educando.

Considerações Finais

Ao longo do texto, procurou-se trazer à baila a concepção e a fundamentação teórica que deu sustentação ao Projeto Escola Mandala, que está em prática, desde 2007, na Faeterj-Rio e cujos resultados podem ser verificados a partir do conceito 4 no ENADE, por duas vezes consecutivas e da Certificação ISO 9001, em 2012.

Referências Bibliográficas

Brasil fica em penúltimo lugar em ranking global de qualidade de educação. (2012). Acesso em 12/10/2013 de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127_educacao_ranking_eiu_ip.shtml.

Diniz, C. N. O jogo dos termos mandala e rede. In F. S. Mota, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Escola Mandala: Uma nova concepção para o ensino tecnológico na rede Faetec*. 21-40. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Freire, M. M. Repensando o Contexto Educacional. In F. S. Mota, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Escola Mandala: Uma nova concepção para o ensino tecnológico na rede Faetec*. 53-66. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Gomes, L. R. Educação e Comunicação em Habermas: o entendimento como mecanismo de coordenação da ação pedagógica. *Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel*. Pelotas [33]: 231-250, maio/agosto 2009.

Habermas, J. *Teoría de la acción comunicativa II: crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus, 1999b.

Impagliazzo, M. 2009. Educação Tecnológica, Tecnologia e Resistência Cultural. In R. A. de S. M. Motta, T. A. C. Santos, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Mandala em ação*. 11-23. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Monteiro, M. P. O poder da identidade: uma leitura da obra de Manuel Castells. In F. S. Mota, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Escola Mandala: Uma nova concepção para o ensino tecnológico na rede Faetec*. 41-48. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Mota, F. S. Estrutura Organizacional Mandala: uma nova forma de trabalhar em equipe. In F. S. Mota, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Escola Mandala: Uma nova concepção para o ensino tecnológico na rede Faetec*. 67-73. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Qualidade da Educação no Brasil ainda é baixa aponta UNESCO (2010). Acesso em 12/10/2013 de <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,qualidade-da-educacao-no-brasil-ainda-e-baixa-aponta-unesco,498175,0.htm>.

ESCOLA MANDALA – UMA ESCOLA COM A CERTIFICAÇÃO ISO 9001

Souza, R. C. & Sá, A. L. H. A mandala e a concepção pedagógica do ISTCC. In F. S. Mota, R. R. Goldschmidt, M. F. Campos (Orgs.). *Escola Mandala: Uma nova concepção para o ensino tecnológico na rede Faetec*. 11-20. Rio de Janeiro. RJ: Imprinta.

Notas

¹ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127_educacao_ranking_eiu_jp.shtml, acesso em 12/10/2013.

² <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,qualidade-da-educacao-no-brasil-ainda-e-baixa-aponta-unesco,498175,0.htm>, acesso em 12/10/2013.

³ Atualmente, o Instituto Superior de Tecnologia da Ciência da Computação é denominado de Faculdade de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro – Faeterj-Rio.

⁴ Fernando da Silva Mota foi o segundo Diretor da FAETERJ-Rio, à época IST-Rio, e foi quem conduziu, junto com toda a equipe formada por professores e alguns funcionários (Bibliotecária e Secretária Acadêmica), a construção e implementação do Projeto Escola Mandala.